

# TRADUÇÃO INDIRETA: UMA PRÁTICA DE DIVULGAÇÃO E ENRIQUECIMENTO CULTURAL

*Manuela Acássia Accácio<sup>1</sup>*

RESUMO: A tradução indireta é um meio de divulgação e enriquecimento cultural, por meio do qual muitas obras de limitado acesso físico e/ou linguístico chegaram a nossa cultura. Neste caso, a produção de línguas pouco divulgadas era disseminada via línguas dominantes. A fim de contribuir com o estudo da tradução indireta, retomamos algumas pesquisas já realizadas sobre esse tema. Algumas delas destacaram o enriquecimento linguístico e literário da literatura hebraica, assim como as línguas intermediadoras na Idade Média e Moderna na tradução de línguas minoritárias ou pouco faladas em âmbito europeu. Por fim, estudaremos a tradução indireta no Brasil, a qual foi iniciada pelos jesuítas, ganhando força mais tarde na produção editorial de romances-folhetins traduzidos de outras línguas através do francês.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução indireta; Línguas intermediadoras; Línguas intermediadas; Brasil.

*ABSTRACT: The indirect translation is a mean of cultural dissemination and enrichment, through which many works, which were difficult to be accessed due to their physical and/or language came to our culture. Here the production of languages with little circulation was disseminated via dominant languages. To contribute to the study of indirect*

---

<sup>1</sup> Mestre pela Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

*translation we will retake some researches already existent on this topic. Some of them emphasized the linguistic and literary enrichment of Hebrew literature as well as the intermediator languages in the Middle Ages and Modern in translating minority or less spoken languages in European context. Finally, we study the indirect translation in Brazil, which was begun by Jesuits and later grew up due to the book production of feuilleton translated from other languages through French.*

*KEYWORDS: Indirect translation; Intermediator languages; Intermediated languages; Brazil.*

Pois compreende-se, que para o historiador em tradução as traduções são tão mais interessantes, quanto mais claramente se distinguem de seus modelos.<sup>2</sup>  
(Stakelberg, 1984:10)

Como visto na epígrafe de Stackelberg, o que torna mais interessante as traduções são as diferenças com relação aos seus textos modelos. Aqui poderíamos pensar tanto em relação aos textos-fonte<sup>3</sup> como às outras possíveis traduções existentes. Tal diversidade resulta das várias leituras, dos estilos de tradução por parte do tradutor, assim como do ambiente socioeconômico-político no qual ele está inserido.

Desse modo, acredita-se que o resultado (a tradução) se distanciará em alguns aspectos do texto-fonte. Já na tradução indireta (TI) este distanciamento frente ao texto-fonte aumenta, seja em aspectos linguísticos, tipográficos e/ou culturais, o que

<sup>2</sup> Todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas para o português pela autora deste trabalho.

“Denn es versteht sich, daß für den Übersetzungshistoriker Übersetzungen um so interessanter sind, je deutlicher sie sich von ihren Vorlagen unterscheiden”.

<sup>3</sup> Neste estudo, os termos “fonte” e “alvo” se referem, respectivamente, à origem do texto a ser traduzido e à cultura ou língua de recepção do mesmo.

a torna um processo/produto com grandes chances de ser relegado à falta de crédito pelo seu afastamento do texto-fonte.

Neste trabalho, intenta-se discorrer sobre esse tipo de tradução, cujo papel na difusão do saber foi essencial ao longo dos séculos. Para tal, mostraremos o que alguns pesquisadores já estudaram sobre a TI, as línguas que atuaram como intermediadoras e algumas das línguas intermediadas. O enriquecimento da literatura hebraica via TI também será discutido aqui. Por fim, enveredaremos pela história da TI no Brasil. Dessa forma, objetivamos contribuir com a discussão sobre a TI, demonstrando sua relevância na divulgação cultural, tanto na Europa quanto no Brasil.

### **1. Discussões teóricas em tradução indireta**

A TI é um procedimento (e um resultado deste) de transpor textos, tendo como base uma tradução já existente, em alguma língua, do texto-fonte. Sua existência, porém, está ligada antes ao texto-fonte, do qual não foi traduzido, ao invés da tradução a partir da qual foi realizada.

Por que a TI está ligada antes ao texto-fonte, do que ao texto do qual realmente foi realizada? São vários os fatores que poderiam responder tal indagação. Se pensarmos, por exemplo, do ponto de vista tipográfico, dificilmente uma TI faria alguma menção, em letras relativamente grandes e de visibilidade considerável, ainda na capa ou mesmo nas folhas seguintes, à obra que lhe originou. A referência normalmente vai ao encontro do texto-fonte de ambas as traduções. Essa invisibilidade seria resultado da reprovação a tal procedimento, tendo em vista que a obra poderia ser considerada um insucesso, uma vez que surgiu de uma ausência da obra-fonte.

A TI é julgada com certa descrença, não apenas por quem vai lê-la, mas igualmente por quem foi traduzido, como podemos notar na citação de Salomon Gessner:

Eu não acuso o tradutor, sua língua não lhe permitiu outro modo, mas depois dessa tradução fui traduzido em diversas outras línguas (...) cada língua exige sempre seus

próprios desvios, e por fim eu não era mais eu. (Gessner *apud* Stackelberg, 1984:05)<sup>4</sup>

Tradução indireta, tradução intermediada<sup>5</sup>, tradução de segunda mão, tradução de desvio<sup>6</sup>, inúmeras denominações que reportam a uma atividade preferencialmente evitada, devido à norma regente, de que o texto-fonte detém a supremacia. Isso está ligado ao fato de se almejar a tradução como equivalente ao texto-fonte:

Tradicionalmente, a equivalência tem sido frequentemente comparada com noções de “fidelidade” e “exatidão”, e empregada para descrever “a extensão das relações existentes entre os textos da língua-fonte e os da língua-alvo ou unidades linguísticas insignificantes”. (Fernandes, 2004:57)<sup>7</sup>

Tal noção de equivalência faz com que a tradução esteja presa ao texto-fonte, cujas características seriam transpostas sem alteração para o texto-alvo (Puurtinen *apud* Fernandes, 2004:29-30).

Uma vez que a TI é produto de *um* texto-fonte e não *do* texto-fonte primário, acaba-se criando uma situação exatamente contrária àquela desejada: a correspondência ao texto-fonte primário. Por não estar de acordo com tal objetivo surge a visão negativa das traduções indiretas (TIs), pois elas levariam “não

---

<sup>4</sup> “Ich klage den Uebersetzer nicht an, seine Sprache erlaubte es nicht anders, aber nach dieser Uebersetzung ward ich in verschiedene andere Sprachen übersezt (...) Jede dieser Sprachen forderte immer wieder ihre eigenen Abweichungen, und so war ich endlich nicht mehr ich.”

<sup>5</sup> O uso de “tradução intermediada”, aqui, se baseia no emprego do termo por Brenno Silveira em *A arte de traduzir*, não sendo, portanto, uma sugestão terminológica deste trabalho.

<sup>6</sup> Conforme Albrecht (1998) eram as chamadas *Umwegübersetzungen*.

<sup>7</sup> “Traditionally, equivalence has often been equated with notions of “faithfulness” and “fidelity”, and used to describe “the extent of the relationships which exist between SL and TL texts or smaller linguistic units”.

apenas a indeterminações artístico-formais, mas igualmente conteudístico-ideacional: o resultado final do processo de tradução de duas fases não possui praticamente mais nada em comum com o texto originário” (Stackelberg, 1972:113)<sup>8</sup>.

Entretanto, do ponto de vista de Azenha Jr. (1998:439), “o fato de se traduzir diretamente da língua fonte não deve ser acoplado, contudo, a critérios de fidelidade, de proximidade de um original ou das idéias de um autor”. Ou seja, se confrontarmos a questão da fidelidade e proximidade às ideias do autor numa tradução direta (TD) e TI, perceberemos que possivelmente nos dois momentos houve um distanciamento, em graus diversos. Desse modo, esse afastamento acontecerá de qualquer forma, pois “se não for a língua que está servindo de ponte, serão os olhos do tradutor, o ideário da época, as condições de trabalho ou tudo isso junto” (Ibid.), os quais estão presentes tanto na TD quanto na TI.

A TD tem recebido nos últimos anos especial atenção dos Estudos da Tradução. Contudo, durante muito tempo foi considerada um produto inferior ao texto-fonte, talvez pela sua audaciosa intenção, ou seja, “poder ser lida como novo original” (Ferreira, 2008:02).

Como a TI é realizada de uma TD, cuja conceituação se encontra ainda em processo de constituição, pode levar algum tempo para que a TI receba a devida atenção. Faz-se necessário esclarecer, obviamente, que a TI não provém apenas de traduções diretas (TDs), sendo possível ter outras TIs como fonte.

## 2. O papel da tradução indireta na história

A escolha pela TI em vez da TD está relacionada ao pouco acesso linguístico e/ou ao fato de a língua não despertar interesse editorial. A cultura que serve como intermediadora apresenta normalmente relevância cultural e econômica, sendo, por-

---

<sup>8</sup> “(...) führen hier schließlich nicht nur zu künstlerisch-formalen, sondern auch zu inhaltlich-ideellen Unstimmigkeiten: das Endergebnis des zweiphasigen Übersetzungsprozesses hat schließlich so gut wie nichts mehr mit dem Ursprungstext gemein”.

tanto, importante para o mercado editorial. Ocorre que a falta de acesso aos textos-fonte primários estava relacionada muitas vezes à não existência ou pouca disponibilidade dessas versões:

Também a tradução de Galland de “As mil e uma noites” serviu durante um século, devido à falta de uma impressão do texto-fonte (surgido somente em 1814/18), como base para todas as traduções europeias. (Pichois & Rousseau, 1971:171)<sup>9</sup>

Na falta da obra-fonte recorria-se às vezes a traduções já existentes. Essas traduções, que eram feitas sob a influência de uma anterior (ou várias anteriores), poderiam se restringir apenas àquelas já existentes de uma obra naquela língua ou àquelas disponíveis em línguas mais acessíveis ou influentes.

Existem exemplos de TIs as quais não poderiam ser consideradas de segunda mão, ou seja, consideradas como resultado da tradução de uma outra tradução que tem origem, por sua vez, num texto-fonte. Referimo-nos, pois, àquelas traduções de terceiro ou mais níveis, cuja base é uma TI. Um exemplo disso apresentamos Burke & Hsia (2007:27), segundo os quais “a versão alemã do alcorão publicada em 1688 revelava que esta havia sido traduzida a partir da tradução do holandês, que por sua vez foi traduzida do francês e esta do árabe”<sup>10</sup>. Os autores afirmam que existem exemplos mais extremos ainda, confirmando que as “práticas de tradução na Idade Moderna variavam consideravelmente mais do que as teorias sugeriam. Como acontecia frequentemente, normas diversas coexistiam e concorriam, de modo que poderíamos falar de culturas ou sub-culturas de tradução”<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> “Auch Gallands Übersetzung von “Tausend und einer Nacht” diene mangels einer gedruckten Originalausgabe (eine solche erschien erst 1814/18) während eines ganzen Jahrhunderts als Vorlage für alle europäischen Übersetzungen”.

<sup>10</sup> “A version of the Koran in German published in 1688 announced that it had been translated from the Dutch translation of the French translation from the Arabic”.

<sup>11</sup> “(...) practices of translation in the early modern period varied considerably more than general theories suggest. As often happens,

Para sustentar tal afirmação, os autores exemplificam com as fábulas de Pilpai. Elas foram traduzidas para o inglês por Thomas North com base na adaptação espanhola, que fora traduzida do latim e esta, por sua vez, do hebraico. O hebraico tivera como texto-fonte a adaptação em árabe; já esta fora transposta do pálvavi que, por sua vez, proviera do texto-fonte indiano<sup>12</sup> (Burke & Hsia, 2007).

### 2.1 As línguas intermediadas e as línguas intermediadoras

Em 1984, o estudioso Jürgen von Stackelberg publicou o seu livro *Übersetzungen aus zweiter Hand*, no qual estuda TIs e seus respectivos textos-fonte ao longo dos séculos XIV a XVIII. A seleção dos textos se baseou em obras clássicas como *Decameron*, de Boccaccio; *Novelas de Bandello*; *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. Essas obras foram intermediadas pelo francês, totalizando dois textos do italiano para o inglês, dois outros do espanhol para o alemão, três do inglês para o alemão, um do inglês para o italiano e um do alemão para o espanhol.

Em sua introdução, o autor justifica a existência do seu trabalho como uma resposta à escassa discussão sobre o tema, considerando haver a possibilidade de se pesquisar sobre o mesmo. Sua escolha em analisar traduções, cuja língua intermediadora era o francês, é, segundo o autor, autêntica, devido ao fato de a língua francesa ter ocupado a posição de *lingua franca* na Idade Moderna (século XVI e XVII). A principal intenção de Stackelberg era observar se o seu papel de intermediadora estava intimamente ligado a sua posição na época. Para tanto, menciona os diferentes períodos em que a língua serviu como intermediadora, sobretudo ao se traduzir do alemão para o italiano ou espanhol.

---

different norms coexisted and competed, so that we may speak of cultures or sub-cultures of translation" (Ibid.).

<sup>12</sup> Não somente as TIs se apoiam em traduções em outras línguas, mas igualmente as TDs fazem uso da concatenação como um procedimento tradutório.

A seguir, o autor expõe os questionamentos que guiaram o seu trabalho sobre TIs:

Queria descobrir, no que se diferenciavam as respectivas versões da primeira e da segunda tradução; observar, como se desenvolveram as posições ideacionais no processo e como fica a respectiva qualidade artística e investigar conforme a possibilidade, se as mudanças na primeira recepção da tradução vieram ao encontro da segunda tradução ou não. (Stackerberg, 1984:9-10)<sup>13</sup>

Conforme o autor, os exemplos que compõem o seu estudo apontam para deformações, uma vez que a língua intermediadora adotou a concepção francesa de tradução, ou melhor, as *belles infidèles*<sup>14</sup>.

Stackelberg instiga-nos mais ainda, ao demonstrar que seria uma pesquisa válida o levantamento histórico sobre as TIs. Isso seria interessante a fim de identificar o porquê, com qual intuito e quais línguas eram utilizadas como intermediadoras e quais línguas e culturas eram beneficiadas com as TIs.

Também Albrecht (1998) contribuiu no estudo da TI. Segundo o autor, praticava-se a TI na Idade Média tardia (do século V ao XV) e no Renascimento, uma vez que havia o interesse de se traduzir autores gregos, cujo conhecimento não se encontrava divulgado suficientemente. Aqui entrou o francês como intermediador para outras línguas, recebendo textos gregos, como,

<sup>13</sup> “Ich wollte herausbekommen, wodurch sich die jeweiligen Versionen aus erster und zweiter Hand unterscheiden, zusehen, wie sich in dem Prozeß die ideellen Positionen verwandeln und wie es um die jeweilige künstlerische Qualität steht, nach Möglichkeit auch fragen, ob die Veränderungen in der ersten Übersetzung der Rezeptionsbereitschaft für die zweite entgegenkamen oder nicht”.

<sup>14</sup> As *belles infidèles* foram uma tendência tradutória adotada nos séculos XVII e XVIII na França, cuja concepção consistia na “fidelidade apenas ao *espírito*, e não à *letra*” do texto fonte (Seligmann-Silva, 2009:179, grifos do autor). Dessa forma, a tradução deveria ser bela e clara, porém não se levava em conta “o respeito pelo texto de partida. Daí o uso de adições, supressões e explicações em meio ao texto” (Ibid., p. 180).



por exemplo, a obra *Anábase*, de Xenofonte, que foi traduzida ainda em 1529 pelo tradutor Claude de Seyssel (Albrecht, 1998).

Mas foi Stackelberg quem mais se ocupou até o momento com a pesquisa das TIs. Na sua obra *Literarische Rezeptionsformen* (1972), ele dedica treze páginas, ao final do primeiro capítulo, para o estudo das TIs, sendo provavelmente umas das contribuições pioneiras sobre o tema. Contudo, conforme o autor, ainda no século XVIII Gotthold Ephraim Lessing já pensara sobre o fenômeno da TI. Lessing, ao se referir à tradução para o italiano de novelas de Cervantes, em cujo processo tradutório o francês fora intermediador, julgava que “a beleza da escritura se perdeu” (Stackelberg, 1972:108) e que apenas traduzindo-se diretamente do texto-fonte se traria a “alma do espanhol” (Ibid.).

Em seus estudos, Stackelberg (1972) demonstra que o francês durante os séculos XVII e XVIII era a língua intermediária para obras originárias do espanhol, inglês e eventualmente do italiano. Como exemplo, cita a peça teatral de Calderón, *La vida es sueño*, que foi traduzida para o alemão com base na versão francesa, e esta, por sua vez, apoiou-se em adaptações italianas (Ibid.).

Não apenas o francês fora muito empregado entre os intelectuais da Europa, mas igualmente o latim, devido ao seu grande alcance para intermediação de textos, cuja língua-fonte não era compreendida:

Sobretudo textos científicos foram frequentemente traduzidos de modo compreensível das línguas nacionais primeiramente para o latim, a fim de torná-los acessíveis aos eruditos de outros países. (Stackelberg, 1972:105)<sup>15</sup>

Para Stackelberg, o estudo sobre as ondas de traduções intermediadas pelo francês<sup>16</sup> e pelo latim seria uma pesquisa

<sup>15</sup> “Besonders häufig wurden verständlicher Weise wissenschaftliche Texte aus den Landesprachen erst einmal ins Lateinische übertragen, um den Gelehrten anderer Länder zugänglich zu sein”.

<sup>16</sup> Neste trabalho não se intenta pesquisar a fundo as TIs que tiveram o francês como intermediador, mas sim demonstrar como o francês esteve presente em TIs também no Brasil e a importância deste tipo de tradução para a cultura brasileira (veja item 4).

promissora. No entanto, afirma serem as TIs do francês aquelas que tendem a apresentar pontos importantes para estudo, uma vez que essas traduções eram realizadas com base na concepção das *belles infidèles*, revelando transformações que o latim como língua intermediadora não realizava:

(...) deve-se levar em conta, que estas “ondas de traduções de segunda mão” resultariam num mais promissor objeto de estudo, do que a primeira, a partir do latim. As alterações que foram efetuadas aqui poderiam normalmente ser maiores e reveladoras, do que pode ter sido nas versões latinas. Além disso, as mudanças que se seguiram nas traduções continuadas. (Stackelberg, 1972:106)<sup>17</sup>

Até o momento pudemos notar como a TI foi realizada ao longo dos séculos e que o francês e o latim atuaram como receptores das obras de outras línguas. Porém, o francês foi mais longe, isto é, intermediou línguas como o holandês, o russo, o italiano, o espanhol e o inglês, e transformou as obras das respectivas línguas de modo que as mesmas já não poderiam ser comparadas ao texto-fonte (Stackelberg, 1972). Com essa posição de intermediadora, o francês também ultrapassou fronteiras além-mar compondo a ponte entre as línguas europeias com o português brasileiro (veja item 4).

A partir do século XIX, outras duas línguas passaram a desempenhar o papel de intermediadoras no contexto europeu: o francês foi substituído aos poucos pelo inglês e o alemão. Primeiramente, o alemão passou a ser a ponte entre as línguas da Europa central e do leste (Pichois & Rousseau, 1971), tendo mais tarde a função especial como elemento de ligação para o enriquecimento da literatura hebraica por meio da literatura ocidental (veja item 3). Já no século XX, foi o inglês, segundo os

<sup>17</sup> “[...] ist anzunehmen, dass diese “Welle von Übersetzungen aus zweiter Hand” einen ergiebigeren Untersuchungsgegenstand abgäbe, als die erste, lateinische. Die Umformungen, die hier vorgenommen wurden, dürften in der Regel größer und aufschlußreicher sein, als das bei den lateinischen Versionen der Fall gewesen sein mag. Hinzu kommen dann die Umformungen, die bei der Weiterübersetzung erfolgten”.

autores, que atuou “como um elemento muito útil de ligação para o conhecimento e tradução de textos chineses e indianos” (Pichois & Rousseau, 1971:72)<sup>18</sup>.

Outra situação envolvendo as TIs é quando as línguas intermediadoras são, na verdade, línguas minoritárias. Por meio de tais contatos, a literatura romana chegou à Rússia na Idade Média:

(...) quando a literatura servo-croata estabeleceu contato entre o mundo literário romano e o oriente esloveno: neste ou num caminho paralelo – pela Hungria e Polônia – chegaram as versões francesas e italianas de “Alexandre”, “Tróia” e “Tristão” até a Rússia. (Pichois & Rousseau, 1971: 72)<sup>19</sup>

Como vimos, o papel da TI está ligado ao cumprimento de funções que a TD não poderia assumir, como, por exemplo, no caso da ausência do texto-fonte e/ou do acesso a ele limitado. Mencionamos as línguas intermediadoras e intermediadas. Das primeiras fazem parte o francês e o latim, durante a Idade Moderna; já nos séculos seguintes temos o alemão e o inglês que atuaram como elementos de ligação entre as literaturas europeias e as do leste europeu.

### 3. Influência cultural da tradução indireta

Além de Stackelberg, outros estudiosos já investigaram a questão das TIs, como por exemplo, Toury (1995) e Stolze (2001), embora este último tenha feito praticamente uma revisão do estudo de Toury.

<sup>18</sup> “(...) als sehr nützliches Bindeglied (...) für die Kenntnis und Übersetzung chinesischer und indischer Texte”.

<sup>19</sup> “(...) als die serbokroatische Literatur den Kontakt zwischen der romanischen Literaturwelt und dem slawischen Orient herstellte: auf diesem oder einem parallelen Wege – über Ungarn und Polen – gelangten die „Alexander-“ und „Troja-Romane“ und der „Tristan“ in französischen und italienischen Versionen bis nach Russland”.

Toury dedica o capítulo *A lesson from indirect translation* de seu livro *Descriptive translation studies and beyond* (1995) à questão da TI. Logo na introdução, o autor defende que “em seu aspecto *cultural*, a tradução indireta é frequentemente de grande importância”<sup>20</sup> (Toury, 1995:129, grifo do autor).

A TI desempenhou enriquecimento cultural ao longo dos tempos, segundo estudo de Toury (1995), que evidencia, por exemplo, o papel das TIs na literatura hebraica durante o Iluminismo hebraico, o *Haskala*, para que esta atingisse o amadurecimento literário semelhante ao que aconteceu no mundo ocidental:

Estava claro, que não havia nenhuma chance, de fato, de alcançar o mundo moderno sem investir maiores esforços na tradução como um meio adequado para testar suas mãos e ferramentas em coisas que já estão marcadas como “literária”. (Toury, 1995:131)<sup>21</sup>

A situação do povo judeu, que sofreu perseguições ao longo dos séculos, marcou também sua língua e, conseqüentemente, sua literatura. As línguas faladas pela comunidade judaica eram o iídiche e o hebraico, contudo a primeira era falada e a segunda escrita (Shaked, 1996:12). Conforme o autor, a literatura hebraica não possuía “terra, nem uma pátria própria, nem uma comunidade e não tinha uma língua falada”, além disso, “os poucos poetas que escreviam em hebraico o faziam como consciência de uma missão heróica”<sup>22</sup> (Ibid.: 14). A fim de adquirir uma unidade é que a literatura hebraica sentiu-se obrigada a criar um ambiente cultural para si mesma.

<sup>20</sup> “(...) in its *cultural* facet, recourse indirect translation is often highly significant”.

<sup>21</sup> “It was clear that there was virtually no chance of catching up with the modern world without investing major efforts in translating as a convenient means of trying their hand and tools on things already marked ‘literary’”.

<sup>22</sup> “Sie hatte kein Land, keine natürliche Heimat oder Gesellschaft und besaß auch keine gesprochene Sprache. Die wenigen Dichter, die hebräisch schrieben, taten dies im Bewußtsein einer heroischen Mission”.

Feinberg (2005) esclarece que tal mudança na literatura hebraica tem base em transformações de maior amplitude, ou seja, da sociedade e da política:

(...) na metade do século XIX deu-se início a um novo período na história desta literatura, que cedeu cada vez mais à influência da cultura e literatura europeia moderna, apesar de que os desenvolvimentos e mudanças dependiam de modo especial dos processos culturais, sociais e políticos. (Feinberg, 2005:11)<sup>23</sup>

Aqui começou, segundo Shaked (1996), a influência de outras línguas por meio dos empréstimos do iídiche, do inglês e do árabe. Esses empréstimos davam-se, por exemplo, na tradução literal de expressões idiomáticas.

Inicialmente, a língua hebraica teve o alemão como língua intermediadora e, mais tarde, o russo, sendo a língua-fonte o inglês. Nesse caso, traduziam-se obras que tivessem importância não somente no inglês, mas que fossem igualmente relevantes na cultura alemã e, mais tarde, na russa.

Obras como de Edward Young (*Night thoughts on life*) e de Shakespeare (*Romeo and Juliet* e *Othello*) foram transpostas indiretamente na literatura hebraica. Shakespeare foi traduzido, a partir de 1816, do inglês para o hebraico; todavia sua obra passou a ser recepcionada como exemplo de poesia, em vez de teatro, já que tal gênero não existia na cultura hebraica (Tourey, 1995).

Tourey defende também que a intermediação na tradução pode ser igualmente normatizada, ou seja, existiriam, sim, fatores que regem o processo e o produto final da TI, pelo menos no que se refere ao caso do desenvolvimento da literatura hebraica.

Com relação ao procedimento de enriquecimento literário da cultura hebraica, o modelo empregado era linguístico:

<sup>23</sup> “[...] Mitte des 19. Jahrhunderts begann eine neue Epoche in der Geschichte dieser Literatur, die immer stärker unter den Einfluss der modernen europäischen Kultur bzw. Literatur geriet, wobei die Entwicklungen und Veränderungen in besonderer Weise von politischen, gesellschaftlichen und kulturellen Prozessen abhingen”.

(...) dentro do qual o tradutor era obrigado a manejar. Esse modelo era, de fato, bem limitado (...) um conjunto de itens e padrões linguísticos textuais que era mais ou menos marcado de acordo puramente com os interesses da cultura alvo (...) o modo desejável de uso era pegar expressões bem longas, removidas dos seus contextos originais, e formar cadeias de palavras ainda mais longas por meio da concatenação. (Toury, 1995:132)<sup>24</sup>

Essa técnica objetivava, conforme Toury (1995), introduzir estruturas na cultura alvo que fossem de fato imprescindíveis. Dessa forma, a “tolerância à tradução indireta” (Ibid.: 133) baseou-se, em diversos momentos, na função que teria sobre a literatura nacional.

Essa introdução de itens da língua intermediadora na língua intermediada não era questionada nas TIs para o hebraico, caso os itens fossem considerados excelentes na cultura alemã ou russa. Portanto, a TI, com o empréstimo de estruturas lexicais das línguas traduzidas, possibilitava uma transformação que se fazia essencial na cultura hebraica naquele período.

Assim, podemos dizer que a TI atuou na cultura hebraica como um procedimento para enriquecimento da língua, da literatura e da cultura em geral, preenchendo-lhe as lacunas surgidas por questões históricas.

Portanto, os estudos citados anteriormente contribuem na pesquisa da TI, pois a consideram um objeto de estudo, possibilitando rever a sua relevância na Tradutologia. Seus estudos trilham o caminho inverso ao qual a TI esteve sujeita; referimo-nos, pois, à desconsideração de seu papel no enriquecimento cultural, e no acesso às obras de culturas minoritárias. Sem a TI, o conhecimento estrangeiro, seja ele de culturas dominantes ou não, dificilmente teria alcançado outras fronteiras geográficas.

---

<sup>24</sup> “(...) within which the translator was obliged to manoeuvre. This model was very narrow indeed (...) a set of linguistic-textual items and patterns was thus more or less sealed according to purely target-culture interests (...) the preferable mode of usage was to take rather long expressions, torn from their original contexts, and to form still longer word chains by way of concatenation”.

#### 4. Tradução indireta no Brasil

O Brasil esteve exposto à intervenção estrangeira desde sua descoberta. Por isso, houve determinadas culturas e línguas, além do português, que se impuseram no âmbito nacional. Segundo Rolim:

(...) vários outros grupos europeus – entre eles os espanhóis, os franceses, os ingleses e os holandeses – aumentaram ainda mais o plurilinguismo e o pluriculturalismo, a partir de 1808, quando se deu a abertura dos portos às nações amigas do país. (Rolim, 2006:54)

É interessante notar que os jesuítas que vieram com o intuito de catequizar no Brasil deram início à tradução escrita, principalmente pela sua função educativa (Rolim, 2006). Ou seja, traduziam textos para a *lingua franca* no Brasil durante este período, o *nheengatu* de tronco tupi (Ibid.), a fim de poder ensinar aos nativos as doutrinas católicas.

A tradução, todavia, enfrentou enormes contratempos até ganhar algum espaço em âmbito brasileiro. Entre eles estava a “ausência de demanda” por tradução (Rolim, 2006:55), uma vez que a leitura tendia a ser de interesse (até por questões econômicas) da elite; além disso, a educação e o acesso aos livros também se destinavam a um grupo seletivo da sociedade.

Outro grande obstáculo à tradução escrita (e da mesma forma à produção de livros nacionais) no Brasil, estava ligado à proibição de impressão no Brasil, que esteve em vigor até a vinda da família real ao Brasil, em 1808 (Barbosa, 2008). Assim que a corte se instalou no país, chegaram as primeiras indústrias, propiciando a impressão de livros, que anteriormente, devido ao veto, chegavam a ser impressos em Paris ou mesmo em Londres. Apesar disso, a publicação era muito reduzida devido ao preço elevado do papel no Brasil.

Nessas condições, os jesuítas obrigavam-se “a copiar manualmente as cartilhas de leitura, importar livros, legal ou ilegalmente” (Rolim, 2006:56). O resultado era uma biblioteca, onde poderiam ser encontradas:

(...) muitas obras em francês, espanhol, inglês, italiano, latim e grego, mas sobretudo, com obras francesas originais ou em traduções, e de obras de outras línguas em traduções (indiretas) do francês – foram muito importantes para a formação cultural e intelectual da juventude e para a manutenção do plurilinguismo. (Rolim, 2006:56)

Dessa forma, podemos perceber que a TI também contribuiu para que o saber fosse difundido no Brasil, tendo sido uma prática constante durante alguns períodos, como no caso da tradução de romances-folhetins. Segundo Rolim (2006:58), o romance-folhetim é um “gênero *narrativo*” que se originou a partir de “melodramas encenados em teatro”. Tal gênero era comum na França no século XIX, e Émile Gerardin decidiu trazê-lo para o Brasil com vistas ao lucro, uma vez que esse tipo de narrativa fazia sucesso na França (Rolim, 2006). A publicação foi feita em rodapés de jornais, e sua aceitação foi tão grande que a procura do público foi constante.

Tais folhetins resultavam também de TIs que tinham o francês como língua intermediadora. Entretanto, não apenas no que concerne às publicações em jornais, mas também aos livros, pode-se perceber a presença francesa no Brasil:

A simples consulta aos velhos catálogos de livrarias da época mostra a influência exercida, principalmente pela França, em nossa formação cultural (via Portugal ou direta). Os livros aqui vendidos, desde o séc. XIX apresentavam-se em versão original francesa (de autores franceses); em tradução francesa (de autores estrangeiros) ou em traduções portuguesas (basicamente de livros franceses ou de outras línguas já vertidas para o francês). (Coelho, 1987:25)

Esse fato é confirmado também por Rolim, para quem a presença francesa se dava igualmente na produção de livros, que eram exportados e vendidos em livrarias francesas no Brasil, sendo possível encontrar “muito mais livros franceses do que de qualquer outra nacionalidade” (Rolim, 2006:58). Esse domínio é resultado do poder da indústria tipográfica francesa, que exportava e vendia seus livros a um preço menor.



Ainda no século XIX, era comum que filhos de famílias abastadas fossem enviados à Europa, em especial à França, para estudar. Além disso, terras brasileiras pertenciam a membros da corte francesa, como por exemplo, as terras da Colônia Dona Francisca, atual Joinville (Wikipedia, acesso em 14/6/2009). Desse modo, a França possuía domínio econômico e cultural sobre o Brasil, o que se refletia também no uso da língua, que se fazia presente não apenas na produção escrita, mas também musical. Até meados do século XX era comum ouvirem-se músicas francesas em rádios brasileiras.

O francês costumava receber obras do russo, que por fim chegavam ao português pela TI. Ao observarmos o *Manuel bibliographique de la littérature française moderne*, de Gustave Lanson, publicado em 1921, a quantidade de obras traduzidas do russo para o francês, por exemplo, chegou a somar, entre o século XIX e início do século XX, cinquenta e cinco obras (algumas sobre a literatura russa, sobre política e descrições do país), enquanto que do inglês britânico somavam-se, por exemplo, apenas 23. Atualmente, contudo, podemos notar, por exemplo, que obras do escritor Dostoiévski vêm sendo traduzidas diretamente do russo para o português, não percorrendo necessariamente o francês, como provam os trabalhos dos tradutores Boris Schnaiderman e Paulo Bezerra.

Pichois & Rousseau (1971) descrevem como o francês serviu também, durante certo período, como elo entre outras línguas:

No século 18, o francês desempenhava o papel de intermediador entre o inglês, de um lado e do outro o italiano, o espanhol, o português e, às vezes, também entre o polonês e o russo. (Pichois & Rousseau, 1971:70)<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> “Im 18. Jahrhundert wirkte das Französische als Bindeglied zwischen dem Englischen einerseits und dem Italienischen, Spanischen, Portugiesischen, manchmal auch dem Polnischen und Russischen andererseits”.

Mesmo na atualidade, o francês possui destaque no âmbito da tradução. O banco de dados do *Index Translationum* (IT)<sup>26</sup> possibilitou-nos a pesquisa da quantidade de obras traduzidas e listadas nesse mesmo banco a partir de 1979. Para esse período, temos 49.746 obras de diversas áreas traduzidas para o português brasileiro. Talvez por questões econômicas, no Brasil traduz-se mais do inglês, do francês e do espanhol (IT, acesso em 9/4/2009). Eventualmente, por essas línguas serem das relações internacionais (na economia ou na ciência), faz com que sejam mais difundidas. Afora as línguas citadas, o português recebe com frequência obras do alemão, do italiano e do russo.

Se comparada com o francês, a relação é relativamente baixa, uma vez que para o francês da França, por exemplo, dentro desse mesmo período traduziram-se 153.863 obras (IT, acesso em 9/4/2009).

Se seguirmos com o estudo dos dados disponibilizados por esse mesmo banco, poderemos identificar as línguas de grande e pouco destaque no mercado tradutológico. O alemão, por exemplo, é uma das línguas que mais traduz no mundo com cerca de 270.484 obras (IT, acesso em 9/4/2009). Em segundo lugar vem o espanhol e então o francês, o japonês, o inglês, o holandês e o português, dentre as línguas que mais traduzem.

Esses dados editoriais ajudam-nos a ter uma visão da importância que determinadas línguas têm frente a outras, servindo muitas vezes como ponte para transmissão de conhecimentos de uma língua minoritária:

O estudo das traduções indiretas, para as quais já exista uma primeira tradução, é interessante especialmente, porque ele mostra os conhecimentos (e desconhecimentos) com relação às chamadas línguas minoritárias e ao

---

<sup>26</sup> O *Index Translationum* é um projeto da UNESCO criado em 1932 e que lista traduções entre diversas línguas. No site do projeto temos acesso apenas às obras listadas a partir de 1979. As primeiras edições estão disponíveis somente em formato impresso.

mesmo tempo o valor das línguas majoritárias como intermediador. (Pichois & Rousseau, 1971:70)<sup>27</sup>

## 5. Considerações Finais

Com base nas informações e discussões levantadas, pretendeu-se demonstrar como a TI introduziu de certa forma a atividade tradutória no Brasil, divulgando o conhecimento através de obras estrangeiras escritas tanto em línguas importantes, como em línguas nem tão divulgadas. Foi por meio da TI que obras como a do norueguês Jostein Gaarder, *O mundo de Sofia* – traduzida indiretamente para o português a partir da versão alemã –, chegaram ao Brasil e fizeram tanto sucesso<sup>28</sup> –. Desse modo, a TI caracterizou-se como um tipo de tradução que possibilitava o acesso ao conhecimento de “línguas minoritárias ou exóticas” (Azenha Jr., 1998:438).

Em se tratando de Brasil, não podemos desconhecer a importância da TI para nossa cultura, pois conforme Toury (1995:130) nenhuma cultura “onde a tradução indireta foi praticada com alguma regularidade pode se permitir a ignorar esse fenômeno e deixar de examinar o que ele representa”<sup>29</sup>.

No início, a TI esteve relacionada à didática, em especial ao catecismo dos nativos no Brasil, prática que foi se alterando para a divulgação de literatura de massa. A demanda de leitura de folhetins levou os jornais, por motivos econômicos, a aumentarem o volume de traduções de obras francesas ou de outros países que já tivessem sido recepcionadas na França, tornando

<sup>27</sup> “Das Studium der indirekten Übersetzungen, denen also bereits eine erste Übertragung zugrunde liegt, ist besonders interessant, denn es vermag die Kenntnisse (bzw. Unkenntnisse) in den sogenannten Minderheitssprachen und zugleich den Wert der Mehrheitssprachen als Vermittler aufzuzeigen”.

<sup>28</sup> No caso da obra de Gaarder foram 580 mil exemplares vendidos (cf. Chagas, 2009).

<sup>29</sup> “[...] where indirect translation was practiced with any regularity can afford to ignore this phenomenon and fail to examine what it stands for”.

o francês uma língua intermediadora. Portanto, pode-se afirmar que as práticas de TIs no Brasil foram ditadas pelo quê o mercado editorial exigia no momento, ou seja, na falta do texto-fonte ou de acesso à língua-fonte, traduzia-se indiretamente.

### Referências bibliográficas

- ALBRECHT, J. (1998) *Literarische Übersetzung: Geschichte, Theorie, Kulturelle Wirkung*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- AZENHA JR, J. (1998) Entrevista. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis: UFSC, vol. 1, n. 3, pp. 437-446. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5397/4940>. Acesso em junho de 2009.
- BARBOSA, H.G. (2008) A tradução no Brasil: uma história de conquista e colonização. *Palestra na Pós-Graduação em Estudos da Tradução*. Florianópolis: UFSC, 14 de maio de 2008.
- BURKE, P.; HSIA, R.P-C. (2007) *Cultural translations in early modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CHAGAS, L. (2009) *Penso, logo existo*. Disponível em: [http://www.terra.com.br/istoe/1624/artes/1624\\_penso\\_logo\\_existo.htm](http://www.terra.com.br/istoe/1624/artes/1624_penso_logo_existo.htm). Acesso em 12 de junho de 2009.
- FEINBERG, A. (org.) (2005) *Moderne hebräische Literatur. Ein Handbuch*. Munique: Edition text+kritik.
- FERNANDES, L. (2004) *Brazilian Practices of Translating Names in Children's Fantasy Literature: a Corpus-Based Study*. Tese de Doutorado em Língua inglesa e Linguística Aplicada. Florianópolis: UFSC.
- FERREIRA, E. (2008) Papel e desserviço da paráfrase em tradução. *Rascunho*. Curitiba: Letras & Livros, n. 98, ano 9.
- INDEX TRANSLATION (2009) *Bibliographic research*. Disponível em: <http://databases.unesco.org/xtrans/xtra-form.shtml?lg=0>. Acesso em 9 de abril de 2009.
- LANSON, G. (1921) *Manuel bibliographique de la littérature française moderne XVI., XVII., XVIII. et XIX siècles*. Paris: Librairie hachette.
- PICHOIS, C.; ROUSSEAU, A.M. (1971) *Vergleichende Literaturwissenschaft: Eine Einführung in die Geschichte, die Methoden und Probleme der Komparatistik*. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann.
- ROLIM, L.M.B. (2006) *Práticas de tradução no ocidente: uma retrospectiva histórica*. Dissertação de Mestrado em Letras. Rio de Janeiro: PUC.

- SELIGMANN-SILVA, M. (2003) *Do gênio da língua ao tradutor como gênio*. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502003000300011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000300011). Acesso em 10 de junho de 2009.
- SHAKED, G. (1996) *Geschichte der modernen hebräischen Literatur – Prosa von 1880 bis 1980*. Frankfurt am Main: Jüdischer Verlag.
- SILVEIRA, B. (2004) *A arte de traduzir*. São Paulo: UNESP.
- STACKELBERG, J. von (1972) *Literarische Rezeptionsformen*. Frankfurt am Main: Athenäum.
- \_\_\_\_ (1984) *Übersetzungen aus zweiter Hand: Rezeptionsvorgänge in der europäischen Literatur vom 14. bis zum 18. Jahrhundert*. Berlin: de Gruyter.
- STOLZE, R. (2001) *Übersetzungstheorien: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr.
- TOURY, G. (1995) A lesson from indirect translation. *Descriptive Translation Studies and beyond*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, pp. 129-146.
- WIKIPEDIA (2009) *Joinville*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Joinville>. Acesso em 14 de junho de 2009.